

NOAM CHOMSKY. PROPAGANDA IDEOLÓGICA E CONTROLE DO JUÍZO PÚBLICO. RIO DE JANEIRO: ACHIAMÉ, S/D.

* Resenha de Marcelo Agostinho

Quer seja por sua reconhecida genialidade ou pela postura combativa o pesquisador norte-americano Noam Chomsky é um nome que dispensa apresentação. O livro de sua autoria que ora resenhamos, tal a importância do conteúdo crítico que possui, é leitura fundamental para todos que queiram superar a pobreza mental e a monotonia do discurso ideológico dominante em nossos dias, municiando-se com arsenal teórico de primeira linha.

A assertiva da qual Chomsky parte é a de que existe uma guerra contra a classe trabalhadora. Uma guerra antiga e nunca declarada, pois quem faz a guerra contra os trabalhadores não quer que se saiba que a está travando. Chomsky afirma que desde a década de 20 se desenvolve nos EUA uma imensa propaganda corporativa, e seu objetivo bem claro e consciente é controlar o juízo público, visto que este poderia ser a maior ameaça às corporações. Segundo Chomsky, o país era livre até então, o poder comercial, forte, e era difícil, mas não impossível, solicitar a violência do Estado “que detém o monopólio legítimo da violência física”, para conter questionamentos indesejáveis.

Chomsky observa que apesar do uso da violência ser possível era deveras mais interessante, para as classes abastadas, controlar as mentes das pessoas. Ele considera que o livro intitulado *Propaganda*, escrito por Edward Bernays, pode ser tomado como um manual padrão das indústrias de relações públicas. Este manual – produzido nos anos 30 - aborda a questão da “propaganda ideológica”, uma expressão composta que foi utilizada muito aberta e livremente, na época, com o objetivo de criar princípios capazes de controlar o juízo público. Entretanto, a partir do pós 45, pelo fato da expressão ter sido largamente utilizada pelos nazistas, caiu em desuso, sendo relegada e esquecida. Chomsky afirma, todavia, que este termo era bastante utilizado nas décadas de 1920 e 1930 na literatura das Ciências Sociais nos Estados Unidos.

O referido manual, segundo Chomsky, foi escrito para a crescente indústria das relações públicas, e que, dentre outras coisas, afirmava ser muito importante numa sociedade democrática a manipulação consciente dos hábitos organizados e das opiniões das massas, e que arregimentar as mentes das pessoas, tal como os exércitos permanentes o fazem, é um aspecto crucial da democracia. Chomsky volta ao passado da História americana considerando que o expoente da convenção que elaborou a Constituição do país, James Madison, entendia

que a principal responsabilidade do governo é proteger a minoria dos abastados contra a maioria, e que no direito ao voto (que seria cada vez mais facultado) residia o perigo. Ora, para prevenir este perigo eminente, seria necessário dividir o povo em facções, instigando o ódio, marginalizando as pessoas e promovendo uma propaganda ideológica correta. Então, retoma Chomsky, foi isso o que aconteceu na década de 1920 de onde enormes quantias foram despendidas para a manipulação consciente dos hábitos organizados e opiniões das massas, e os métodos para conseguirem êxito nessa empreitada tinham, a saber: a propaganda ideológica, o entretenimento, a propaganda ideológica politicamente correta na mídia, as escolas, etc.

Chomsky relembra como o movimento operário norte-americano foi destruído, nesta mesma década de 1920, pois os trabalhadores não puderam mais ficar unidos e tiveram de privatizar suas vidas e aspirações, desenvolvendo estratégias de sobrevivência para si mesmos, pois os modos de cooperação e a luta comum foram eliminados. Chomsky comenta, em relação a Madison, que na verdade ele era, sinceramente, um pré-capitalista, pois acreditava existir uma espécie que poderia ser chamada de plutocracia generosa, ou seja, um conjunto de homens a quem o poder seria dado para que agissem como “filósofos benevolentes”, devotando cada dia de suas vidas ao bem estar de todos.

Páginas à frente, Chomsky escreve que Madison teria percebido que os líderes da elite que ocupavam os postos de poder usavam-no – não como filósofos benevolentes – mas como “ferramentas de déspotas do governo”. Quase em seguida, Chomsky Volta a falar sobre a propaganda ideológica e o controle da mente das pessoas e cita Laswell, um dos fundadores da moderna ciência política norte-americana, no que tange a este afirmar que as pessoas devem ser deixadas do lado de fora da arena pública, pois não entendem que o propósito do poder é proteger a minoria abastada da maioria empobrecida. Chomsky recorda ainda que no final da década de 1930 uma grande campanha anti trabalhadores foi desenvolvida com novas técnicas.

A técnica principal, chamada de “fórmula de Mohawk Valley” , procurava mobilizar a comunidade contra os grevistas e os sindicalistas. O retrato apresentado era o da família americana, ou seja, aquela em que o pai, trabalhador honesto, sai de casa para a labuta todas as manhãs. Ele leva a sua marmita enquanto sua fiel esposa fica em casa, preparando as refeições e cuidando das crianças. O patrão trabalha dia e noite – incansavelmente - pelo interesse de seus empregados e o da comunidade. O banqueiro, bom amigo, passa o dia inteiro procurando pessoas para emprestar dinheiro, visando ajudá-las. Chomsky fala que o quadro apresentado sintetiza o ideal norte-americano, e a palavra que resume este sentimento é *harmonia*. Segundo a fórmula de Mohawk Valley, ao se chegar em uma comunidade onde uma greve está em curso, deve-se inundá-la com propaganda ideológica, assumir o comando dos meios de comunicação, das igrejas, das escolas, incluindo no discurso adotado a “palavra

mágica" *harmonia*, e então apontar quem são aqueles que querem estragar aquela harmonia "intrínseca". São os grevistas, provavelmente anarquistas, comunistas, baderneiros e desordeiros.

Chomsky diz que o termo ideal a ser adicionado, nessa situação é o do fundamentalismo e diz que os EUA são uma sociedade bastante fundamentalista e mais até do que o próprio Irã. Isto, diz ele, já vem de longo tempo em que para esses líderes religiosos as idéias mais iluminadas são ir à igreja, ouvir ordens, fazer o que eles dizem e calar a boca. Chomsky explana que as elites tratam as pessoas como crianças que não tem discernimento para cuidarem de certos assuntos, e não podem tomar decisões importantes, então as elites devem tomar estas decisões por todos. Ele fala que técnicos, rapidamente encontram um modelo para manter as massas fora da arena pública e, sobretudo, fora de qualquer coisa que tenha a ver com o controle econômico.

Esse controle, afirma Chomsky, tem de ficar nas mãos da tirania privada. Chomsky fala ainda da intervenção da CIA na Itália a partir de 1947 até meados da década de 1970, principalmente pelo forte movimento operário do norte italiano. Logo após esta breve análise, ele se bate sobre outro tema: o do que ocorreu com o fim da Guerra Fria. Primeiramente, Chomsky fala sobre um dos pensadores principais do *New York Times* chamado Thomas Friedman, que afirmou em um artigo que o mundo estava dividido agora em integracionistas e antiintegracionistas, ou seja, pessoas que são a favor da globalização e outras que são contrárias a ela, e as que, querem até acabar com ela.

Haveria, também, uma outra divisão entre pessoas que são favoráveis a uma rede de segurança e aquelas que acham que todo mundo deve ficar na sua e fazer o que estiver a seu alcance. Chomsky dá uma fórmula para se entender como uma economia funciona. Basta pegar algum setor dinâmico da economia que seja por nós conhecido e descobrir-se-á que ele é baseado em uma grande quantia de subsídios públicos e na privatização dos lucros, ou seja, a população paga os custos e assume os riscos, e os sistemas privados ficam com os lucros, se algum houver. Isto, diz ele, é passado de uma forma bem sutil, as pessoas não podem saber que estão sendo enganadas. Para ser um bom mentiroso, afirma ele, você deve convencer-se a si mesmo da mentira que deseja ser acreditada pelos outros.

Chomsky explica que desde a infância estamos submetidos à propaganda ideológica, seja na escola, na mídia ou em outras instituições sociais. Ele observa que poderia achar que um professor era um idiota, que não poderia falar nada. Se falasse seria expulso da sala, e que aprendeu a ficar calado, dizendo *ok*. Afirma ele que quem assim o fizer e for suficientemente disciplinado e passivo poderá conseguir chegar aos mais altos escalões. Chomsky comenta ainda que pessoas independentes são consideradas sempre um aborrecimento para o sistema,

e tem de ser eliminadas de um jeito ou de outro. Ele chega a dizer que no campo das ciências naturais tal independência não é mal vista pelo fato de que é necessário o estudo, a contestação para que pessoas não venham a morrer, por uma doença nova, por exemplo.

É importante citar o destaque que ele dá a um livro de Norman Ware intitulado *The Industrial Worker*, escrito em 1924. Este livro trata do movimento operário no leste de Massachusetts por volta de 1850 e 1860. O livro é composto basicamente por citações retiradas da imprensa operária, que, diz Chomsky, são fascinantes. Citações extraídas de escritos de *factory girls*, jovens de 18 anos que vinham do interior para trabalhar como artesãos em uma fábrica em Boston. Elas produziam a sua própria imprensa, uma imprensa grande, extensiva e ativa. Mais ou menos a mesma quantidade que a imprensa comercial daqueles tempos. Outra questão importante nesse movimento era que elas consideravam o capitalismo uma forma de escravidão, isso sem Marx, socialismo ou radicais estrangeiros.

Uma das coisas que se queixavam, à época, escreve Chomsky, era que sua cultura estava sendo arrancada. Elas diziam que os valores pelos quais lutaram na Revolução Norte-Americana foram arrancados delas e que estavam sendo forçados a um novo tipo de tirania, a tirania dos sistemas hierárquicos. Os operários também se opunham ao que se chamou de “espírito da nova era”. Isso em 1850. O espírito da nova era significava adquirir fortuna, esquecendo-se de tudo o mais, menos de si mesmo. Chomsky assevera que estruturas baseadas na autoridade e na dominação agirão normalmente mesmo sem pensar nesse fato para bloquear tendências divergentes. Às vezes, como no manual da indústria das relações públicas, até pensavam muito nisso, pois estão investindo bilhões de dólares por ano para controlar o juízo público.

Chomsky relembra que, quando estamos assistindo televisão, talvez a uma série cômica de TV, não estejamos pensando que estamos sendo expostos a fórmula de Mohawk Valley, mas estamos. Outro aspecto importante que brota da indústria de relações públicas é a demonização do trabalhador. Ele diz que no final da década de 1950, ainda havia cerca de 800 jornais do movimento operário que atingiam talvez 20 ou 30 milhões de pessoas por semana. Chomsky nota para o fato de que os líderes da indústria das relações públicas diziam que, depois da Segunda Guerra, se teria de três a cinco anos para salvar nosso modo de vida.

E que eles tinham de lutar e vencer, rapidamente o que eles chamam de “eterna luta pela mente dos homens” e doutrinar as pessoas como o ideário capitalista de maneira tão forte que elas repitam os nossos discursos em todas as oportunidades. Chomsky diz que nos EUA muita coisa foi controlada pelas empresas de propaganda corporativa desde o início da década de 1950. Os times, as igrejas, as universidades foram atacadas. Houve luta e esforço para evitar isso, diz ele, e essa luta ocorre até hoje.

* Mestrando em Ciência Política em Ciência Política IFCS/UFRJ.